



Vol. 32, nº 1 (2026)

**O ROSTO DA MODERNIDADE:
UMA EXPLORAÇÃO ATRAVÉS DA LITERATURA**

**THE FACE OF MODERNITY:
AN EXPLORATION THROUGH LITERATURE**

Luciane Rodrigues¹

Recebimento do Texto: 05/04/2025

Data de Aceite: 30/04/2025

Resumo: Este artigo propõe uma imersão na literatura moderna, analisando, nesse sentido, como essa forma de expressão artística reflete e molda a complexidade da experiência humana na era da modernidade. Por meio da exploração de obras literárias representativas, busca-se compreender como os autores, diante das profundas transformações sociais, culturais e tecnológicas, reconfiguram as noções de identidade, consciência e a relação do indivíduo com a sociedade. Com base nas teorias de autores como Berman (1986), Benjamin (1985), Bakhtin (1990), Coutinho (1976) e Adorno (2003), a pesquisa explora como a literatura, ao capturar as angústias, aspirações e as contradições de uma época em constante mutação, contribui para a construção de um retrato multifacetado da modernidade. Serão analisados temas como a fragmentação da identidade, a busca por significado em um mundo cada vez mais complexo, a alienação social e a redefinição dos valores tradicionais. Ao final, o artigo propõe que a literatura moderna, ao transcender os limites da mera representação da realidade, ofereça um espaço para a reflexão crítica e a construção de novas narrativas sobre o ser humano e o mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Literatura moderna. Identidade. Consciência. Sociedade. Cultura.

Abstract: This article proposes an immersion into modern literature, analyzing how this form of art reflects and shapes the complexity of the human experience in the modern era. Through the exploration of representative literary works, it seeks to understand how authors, in the face of the profound social transformations, cultural, and technological transformations, reconfigure the notions of identity, consciousness, and the individual's relationship with society. Based on the theories of authors such as Berman (1986), Benjamin (1985), Bakhtin (1990), Coutinho (1976), and Adorno (2003), the research explores how literature, by capturing the anxieties, aspirations, and contradictions of a constantly changing of era, that contributed to the construction of a multifaceted portrait of modernity. It will be analyzed themes like the fragmentation of identity, the pursuit of meaning in a more complex world, social alienation, and the redefinition of traditional values will be analyzed. Finally, the article proposes that modern literature, by transcending the limits of mere representation of reality, offers a space for critical reflection and the construction of new narratives about the human being and the contemporary world.

Keywords: Modern literature. Identity. Consciousness. Societ. Culture.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários - PPGEL, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, campus de Tangará da Serra. Contato: lukatga@hotmail.com



Uma Breve Introdução

A literatura moderna emergiu em um período de profundas transformações sociais, políticas e tecnológicas que marcaram o início do século XX. No contexto da modernidade essas mudanças trouxeram consigo uma série de transições que impactaram diretamente a produção literária, resultando em novas formas de expressão e estilos narrativos.

As grandes guerras mundiais, a Revolução Industrial, a urbanização acelerada e o avanço da ciência e da tecnologia criaram um cenário propício para a experimentação e a renovação estética e, ao mesmo tempo, impõe ao indivíduo uma experiência fragmentada e caótica. A literatura, como reflexo desse turbilhão, captura a angústia da existência contemporânea e a busca incessante por identidade. Autores como Berman (1986), ao descrever a experiência da modernidade como um processo de intensificação da vida e da história, e Benjamin (1985), ao analisar a perda da aura e a fragmentação da experiência estética, oferecem ferramentas para compreender essa complexidade. Através da análise de obras literárias representativas, este trabalho busca explorar como a literatura moderna, ao capturar a fragmentação da identidade, a alienação social e a busca por significado, contribui para a construção de um novo olhar sobre o ser humano e o mundo contemporâneo.

Espelhos da Modernidade: A Literatura como Reflexo de uma Nova Época

A literatura, enquanto expressão artística e cultural, sempre esteve intrinsecamente ligada ao contexto histórico e social em que se desenvolve. A modernidade, por sua vez, representa um período de profundas transformações que impactaram não apenas a forma como as pessoas se relacionam, mas também a maneira como produzem e consomem arte.

Nesse contexto, conceber a literatura como uma forma de expressão do ser humano, das relações que ele constrói com o meio estabelecido, propicia situações que possibilitam uma melhor compreensão do universo social que o leitor enfrenta. Desintegração, intermitência temporal, perda da identidade individual, desorganização



do espaço, deslocamento, intertextualidade, globalização, e suas consequências estão no centro da narrativa literária pós-moderna que se preocupa em retratar os problemas sociais e políticos da sociedade e como elas podem afetar a vida das pessoas. Entretanto, a arte que surgiu especialmente no início do século passado, refletia tanto influências de vanguarda, como também manifestava concepções iluministas.

Assim, foi difícil superar de imediato o fundamento positivista da época. O ideal do Iluminismo da Idade Moderna visava capacitar o homem moderno a viver com alegria, que seria alcançada fazendo uso racional dos meios que permitissem ao homem colher os benefícios do seu progresso. No entanto, sabemos que nem tudo o que ele produz é, ou pode ser utilizado por todos em razão do capitalismo.

A globalização, aquecida no início do século, contribuiu para uma crise de identidade na sociedade. Aquele sujeito centrado e autossuficiente foi, aos poucos, configurando-se em um ser fragmentado e deslocado, estereotipando, assim, o indivíduo pós-moderno — resultado da multiplicidade dos meios de comunicação e as diversas formas estereotipadas de entender o mundo, associadas à trajetória progressiva que se iniciou no Iluminismo e se aprofundou na modernidade.

Na arte, as influências são inegáveis e vêm de todas as partes do mundo. Mesmo nos costumes dos povos, as transformações são indiscutíveis e também se manifestam no plano ideológico e político, mas também podem, e isso é fácil de ver, ser representadas na literatura por meio de observação, análise e crítica. No texto literário essas transformações intervêm na forma de olhar do narrador para os objetos que enfoca, interpretam o movimento de descontinuidade das personagens e argumentam sua identidade, resultado da fragmentação do indivíduo na sociedade moderna submetido a todas as mudanças.

O termo modernidade refere-se às mudanças nos setores políticos e econômicos e no dia a dia das pessoas, resultantes de revoluções políticas e econômicas como a Revolução Francesa e a Revolução Industrial Inglesa que moldaram o desenvolvimento do capitalismo. Esse sistema trouxe intensas mudanças no cotidiano das pessoas como no trabalho, nos lugares, na vida rural, na relação homem-natureza, na subjetividade humana e na vida social moderna a partir da vida social das culturas tidas como ultrapassadas.



Tencionar o modernismo como estética significa repensar a modernidade. Se observarmos as propostas modernistas, lembraremos que o movimento visava, principalmente, destruir o passado da concepção clássica para dar lugar a uma cultura com mais liberdade nas representações inovadoras.

Em seu ensaio “Tudo que é sólido desmancha no ar”, Marshall Berman (1986) traz reflexões acerca da modernidade, explicando que há experiências humanas que são experimentadas por todas as pessoas ao que podemos chamar de modernidade:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar.” (Berman, 1986, p. 85).

Berman considera que as constantes e rápidas mudanças são resultantes dos mais variados desenvolvimentos sociais, estruturando, assim, a modernidade. A partir desses processos sociais advindos da modernização, emerge o que ele denomina de “riqueza de conceitos e olhares destinados a transformação das pessoas em seres e objetos da modernização”, capacitando-as a explorar o mundo em constante mudança até que encontre um caminho e se considere como parte integrante.

Walter Benjamin em suas reflexões sobre a modernidade, contempla entre outros temas, as transformações subjetivas do indivíduo. Segundo ele, a sensibilidade e percepção humana são históricas, pois estão relacionadas com a natureza humana, a cultura e a história. Em uma cultura multifacetada de informações, nossa percepção por exemplo não é a mesma de nossos avós ou de culturas não informatizadas. As formas de falar, escrever, cantar e até mesmo a forma gestual de expressar emoções ou afetos apresentam mudanças ao longo dos tempos. Por se tratar do nível da produção de subjetividade humana histórica, admite-se que a base dessa produção são formas de sensibilidade que evidenciam alterações em diferentes momentos:



No interior de grandes períodos históricos, a forma de percepção das coletividades humanas se transforma ao mesmo tempo que seu modo de existência. O modo pelo qual se organiza a percepção humana, o meio em que ela se dá, não é apenas condicionado naturalmente, mas também historicamente. A época das invasões dos bárbaros, durante a qual surgiram a indústria artística do Baixo Império Romano e a Gênese de Viena, não tinha apenas uma arte diferente da que caracterizava o período clássico, mas também uma outra forma de percepção. (Benjamin, 1985, p. 169).

A capacidade humana de sentir e perceber muda conforme o período histórico em que se vive. Isto quer dizer em diferentes épocas as pessoas sentem e percebem as coisas a sua volta com percepções diferentes. Entretanto, nenhuma época mudou tanto a subjetividade humana por meio de estilos de vida e inovações quanto a modernidade.

No discurso literário da modernidade em “Questões de Literatura e de Estética” (1990), o estudioso Mikhail Bakhtin nos fez reconsiderar o estado do romance na modernidade por meio de uma análise histórico-discursiva do gênero. Nascido na Rússia (URSS), Bakhtin sentiu em seu país os impactos de duas guerras mundiais e da Revolução Russa, fatos esses que influenciaram fortemente sua visão de mundo.

O romance não está morto — mudou na forma, no conteúdo e acompanhou os tempos cada vez mais rápidos da vida de hoje. Assumiu seu caráter paradoxal com um toque de história, relato, biografia; ora poético, ora dramático, ora extraliterário; com a compressão de recursos de outras esferas artísticas, como fotografia, cinema, música, arte digital — com a crescente preocupação em expressar a transgressão das fronteiras do espaço-tempo diante da globalização e da virtualização do mundo. Bakhtin interligava as reflexões estéticas e críticas da arte em conexão com o todo cultural, essenciais para a compreensão dos fenômenos artísticos. Ela está ligada a processos externos e, portanto, não pode ser vista isoladamente, sem conectar-se a elementos históricos, sociais e culturais. A arte nunca é inequívoca, apresenta-se plural porque é enviesada em uma gama de significados e ideias que se expande infinitamente.

Por ser fonte de causas sociais e individuais que perpassam pelo campo da linguagem, e por ser afinal enviesado de intenções e estimações que se tornam cronologias, Bakhtin classifica o romance como um gênero ambíguo que, segundo ele, é o principal fator que o liga à poesia: ambos têm ambiguidade. Fator esse que associando ao imaginário poético o torna mais polissêmico sem impactar em sua



grandeza, pois no romance mundo e linguagem estão intrincados tanto pela propriedade discursiva quanto pela organização da contingência dos fatos históricos e pelo conhecimento nas lutas humanas. “As imagens romanescas parecem unidas organicamente à sua linguagem plurivocal, como que pré-formadas nela, nas entranhas do seu próprio plurilinguismo orgânico.” (Bakhtin, 1990, p.132).

Numa organização multidimensional configurada pela mistura de elementos literários e extraliterários, a prosa literária trata de valores humanos inerentes às relações entre o indivíduo e a sociedade. Desse modo, no plano romanescos há a preocupação com o estilo numa tentativa de estabelecer um jogo linguístico capaz de dissimular a relação do eu e do outro, e nos conflitos entre indivíduos e mundo. É nessa singularidade que se atrela a afirmação de Bakhtin quando pondera que “a criação da representação das linguagens é problema estilístico primordial do gênero romanescos.” (Bakhtin, 1990, p.162).

A contemporaneidade fundamenta essa caracterização, pois além de retratar características íntimas, também examina comportamentos e atitudes acendendo as artes como forma de espaço e manifestação sobre as inquietudes dos nossos dias, espelhando imagens da vida em curso, cujo “o tempo se derrama no espaço e flui por ele” (Bakhtin, 1990, p. 350). E é nessa dimensão de espaço-tempo que a narrativa se constrói numa constante produção de sentidos.

É inegável ainda, nesse universo literário, a presença marcante da ficção nas obras literárias em virtude de que os autores instigam o fantástico desafiando a realidade sem perder a originalidade criando, assim, um misto de significações entre o real e ficcional. Segundo Coutinho:

a ficção não pretende fornecer um simples retrato da realidade, mas antes criar uma imagem da realidade, uma reinterpretação, uma revisão. É o espetáculo da vida através do olhar interpretativo do artista, a interpretação artística da realidade.” (Coutinho,1976. p.30).

Desse modo, a estrutura fictícia permite ao leitor fugir um pouco dos padrões da realidade, podendo exacerbar em excessos, possibilitar situações e experimentar sensações que o mundo real não permite. São nessas características de invenção e reinvenção que o romance contemporâneo se instala, visto que está em constante desacomodação, encaixando-se em um gênero em construção.



Considerado um gênero móvel, o romance surge da busca do homem por si mesmo, pelo mundo e pela arte. Sua natureza mutante torna qualquer tentativa de análise um desafio, pois relativiza as verdades e sua existência a cada momento. Sua capacidade de nos fazer refletir possibilita uma consciência metalinguística na busca do gênero para a própria identidade. É por isso que o homem moderno, com seus inúmeros conflitos e dúvidas, adquiridos pela divisão entre ele e o mundo, vê no romance uma forma de refração, ou seja, uma possibilidade de mudar a visão da realidade que o cerca em uma forma peculiar de questionar o seu lugar social, de se perceber no universo interno e externo e, quem sabe, de encontrar uma resposta. Qualquer pessoa que pondera sobre o romance está procurando, na sombra da história social, maneiras de representar a vida por meio de narrativas, em que relações entre ficção e realidade foram construídas ao longo dos séculos.

Independentemente dos meios literários e extraliterários utilizados na constituição do romance, sua relevância reside no fato de que, por meio da representação do real, é possível expressar os conflitos do indivíduo consigo mesmo e com o mundo em que vive. Valores, identidades, visões de mundo e modos de vida são questionadas, assim como a posição do romance na sociedade moderna.

Na literatura dos dias atuais a qual para uns é contemporânea e para outros é pós-moderna, somos cada vez mais solicitados a participar das obras, a trabalhar nelas, a questionar para transformar — esse poder de abertura é a resistência à alienação do ser no mundo das massas. Ao romper com a objetivação do ser, a arte contemporânea mostra-lhe a possibilidade de libertação. Inserida na história como elemento orgânico, muda constantemente e se conecta a superestruturas sociais, integrando-se em uma rede sincrônica e diacrônica de significados.

Adorno escreveu vários ensaios que tentam compreender a literatura multifacetada do século XX. Para ele, o romance surge como expressão da burguesia e traduz a experiência de um mundo desiludido. No ocidente, com a expansão da indústria cultural, surgimento do cinema, rádio e televisão, ocorre uma pulverização do que se entende por literatura desagregada, até pela difusão do que Adorno chama de “subliteratura” (fruto da padronização cultural). O cerne do “verdadeiro” romance, no entanto, sempre foi o conflito entre os homens e a desumanização de seus relacionamentos; da tentativa de “decifrar os enigmas da vida exterior”, nasce o esforço



em “captar a essência” humana (Adorno, 2003, p.58). Desse modo, o romance retrata uma sociedade feita por homens sem vínculos permanentes e, portanto, desencantados com sua realidade intrínseca e externa.

Por meio de uma análise estético-social, Adorno encontra elementos no romance que o distinguem de outros gêneros e contribuem para a compreensão de seu papel na sociedade:

Quarenta anos atrás, em sua Teoria do romance, Lukács perguntava se os romances de Dostoiévski seriam as pedras basilares das épicas futuras, caso eles mesmos já não fossem essa épica. De fato, os romances que hoje contam, aqueles em que a subjetividade liberada é levada por sua própria força da gravidade a converter-se em seu contrário, assemelham-se a epopeias negativas. São testemunhas de uma condição na qual o indivíduo liquida a si mesmo, convergindo com a situação pré-individual no modo como está um dia pareceu endossar o mundo pleno de sentido. Essas epopeias compartilham com toda a arte contemporânea a ambiguidade dos que não se dispõem a decidir se a tendência histórica que registram é uma recaída na barbárie ou, pelo contrário, o caminho para a realização da humanidade, e algumas se sentem à vontade demais no barbarismo. (Adorno, 2003, p.62).

Adorno menciona aqui, uma das principais características do romance: a ambiguidade. Como elemento que estampa as feridas de indivíduos abandonados pela ignorância da civilização, a ambiguidade atribui ao romance a marca de uma forma literária criada em um mundo que anseia pela busca incessante do sentido de sua existência. A arte, ao abordar temas ambíguos, não só testemunha a crise da modernidade, mas também oferece um espaço para a crítica e a reflexão, desafiando o leitor a confrontar a complexidade de sua própria existência. A tensão entre barbárie e realização da humanidade se torna, assim, um tema central na busca por significado em um mundo em constante transformação. O romance com Adorno é refletido do ponto de vista dialético, pois possui distâncias em seu desenvolvimento que o levam a diferentes caminhos. É a representação literária do homem sobre si mesmo, e envolve a tentativa de integrá-lo ao mundo evidenciando que romantismo e modernidade, também, compartilham a consciência individual, ou seja, o isolamento do ser no coletivo.



Considerações finais

A literatura moderna, ao se debruçar sobre as profundas transformações sociais, culturais e tecnológicas de seu tempo, não apenas as reflete, mas também as catalisa. Ao explorar temas como a fragmentação da identidade, a alienação social e a busca por significado, os autores modernos retratam a realidade e a questiona desafiando as normas e os valores estabelecidos. A experimentação formal, a linguagem inovadora e a abordagem de temas antes considerados tabus contribuíram para a construção de um novo imaginário e para a ressignificação da experiência humana. As obras analisadas, sob a luz das teorias de Berman, Benjamin, Bakhtin, Coutinho e Adorno, revelam que a literatura moderna não é um mero reflexo da realidade, mas sim um agente ativo na construção de novos sentidos e significados. Ao questionar a ordem estabelecida, evidencia-se a contribuição para a transformação da sociedade e para a construção de um mundo mais justo e equânime. A relevância está na transcendência do seu tempo oferecendo um rico material para a compreensão da contemporaneidade e inspirando novas formas de pensar e agir.

Dessa forma, a literatura moderna emerge como um espelho que reflete a complexidade e a mutabilidade da experiência humana indo além da mera representação do real, tornando-se um espaço de experimentação formal e de reflexão crítica. Nessa premissa, revela-se um campo fértil de experimentação e reflexão, que não apenas documenta as mudanças de seu tempo, mas também as questiona e as reinventa, ajudando-nos a entender o mundo em que vivemos e nos convidando a uma análise crítica das realidades contemporâneas. Ademais, ao estudar essa literatura, somos convidados a compreender não apenas o passado, mas a nos situar no presente, reconhecendo as continuidades e rupturas que moldam nossa experiência contemporânea.



Referências

- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ADORNO, T. W. Posição do narrador no romance contemporâneo. *In: Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997b.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 2.ed. São Paulo: Hucitec; UNESP, 1990.
- BENJAMIN, W. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. *In Obras escolhidas*, v. 1. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense. 1985.
- BENJAMIN, W. O narrador. *In: _____*. **Textos escolhidos**. Seleção de Zeljko Loparic e Otilia B. Fiori Arantes. São Paulo: Abril Cultural, 1975. p.63-81. (Os pensadores, v.48).
- BENJAMIN, W. **Experiência e pobreza**. *In: BOLLE, W. (Org.). Documentos de cultura, documentos de barbárie*. São Paulo: Cultrix: Ed. da USP, 1986. p.114-119.
- BERMAN. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1986.
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ed. Ouro sobre azul, 2010.
- COUTINHO, A. **Notas de Teoria Literária**. Civilização Brasileira, 1976. p.30.
- LUKACS, G. **A teoria do romance**. São Paulo: Editora 34, 1965.
- PERRONE-MOISÉS, L. **Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SANTIAGO, S. **O narrador pós-moderno**. *In: _____*. Nas malhas da letra. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.44-60.
- SILVEIRA, S. J. P. **Theodor Adorno e a problema do “fim da individuação” na obra de Franz Kafka**. Artefilosofia, Ouro Preto, nº 14 jun. de 2013.